

A ATITUDE AUTÊNTICA COMO POSSIBILIDADE DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA DO TRABALHO

Ana Caroline Toffanelli*
Marcella Bellini
Mario Seto Takeguma
Odille Baptistão Mazzetto
Roberta Sincero dos Reis
Sylvia Mara Pires de Freitas

“(…) Essa frase, é exatamente como eu, eu... , parece ser um eco aprovador, uma maneira de continuar a reflexão do outro, mas é um engodo: na verdade, é uma revolta brutal contra uma violência brutal, um esforço para libertar nosso próprio ouvido da escravidão e ocupar à força o ouvido do adversário. Pois toda a vida do homem entre seus semelhantes nada mais é do que um combate para se apossar do ouvido do outro.”

Milan Kundera

Procuramos, neste trabalho, relatar a experiência de acadêmicos do 5º ano do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR), através do estágio supervisionado de Psicologia do Trabalho realizado com funcionários de um hospital público do município de Maringá-PR. Sob o enfoque existencialista sartriano, nossas ações buscaram fomentar a consciência reflexiva crítica dos funcionários do hospital no tocante as suas escolhas promotoras de saúde.

Oferecemos aos funcionários do hospital um curso de quatro módulos, distribuídos em quatro encontros de duas horas cada módulo, a saber: o primeiro módulo trata da saúde física, o segundo da saúde mental, o terceiro da espiritualidade e, por fim, a saúde integrada do trabalhador.

A consciência para o existencialismo é intencionalidade, sempre consciência *para* e *de* algo, ela dá sentido as coisas, atribui valores, é um direcionamento espacial e temporal ao

mundo. Sempre posicional de algo, quando de algo que se exclui, é consciência irreflexiva; reflexiva cúmplice, quando é conivente com o que visa e reflexiva crítica, quando no mundo posiciona a si. Neste último movimento, volta-se para si podendo criticar o modo ao qual intenciona o mundo.

Baseados em Sartre (1997), buscamos com os grupos de funcionários, realizar reflexões sobre as temática anteriormente descritas, situando nossos atos cotidianos em contextos laborais e fora deles. Buscando atingir tal intento, foram utilizados vídeos, dinâmicas de grupo, perguntas abertas ao grupo como instrumentos disparadores das discussões nos nossos encontros, entre outros recursos.

Contamos com uma equipe de cinco estagiários que dividem-se em duplas durante a semana, a fim de oferecer aos funcionários a disponibilidade de participarem dos encontros nos períodos matutino, vespertino e noturno, e alternamos os integrantes das turmas regularmente, a fim de promover maior riqueza nas discussões a serem feitas, pelos múltiplos fenômenos desvelados em cada encontro.

Acreditamos ser de grande importância inserir, neste momento, nossas reflexões a respeito das demandas iniciais do nosso público-alvo: como trabalhar algo tão simples como o *cuidado*? Atordoamo-nos ao constatar os pedidos de cuidado, expressos nos cartões com imagens diversas que foram-lhes entregues no momento do levantamento das demandas, solicitando que escrevessem o que a imagem os remetia. Foram cogitadas várias possibilidades de intervenção, mas o que sobressaía em nossas reflexões, era o receio de cair, durante a nossa intervenção, nas armadilhas do senso-comum e da banalidade. Optamos, então, por não trabalhar diretamente com a temática do cuidar, e nos atemos a elaborar minuciosamente encontros com os funcionários, nos quais poderíamos levar ao nosso público-alvo a questão do cuidar não diretamente, mas a partir das temáticas que mais complexas, compreendidas pelos viés do existencialismo sartriano.

Após o planejamento de nossas intervenções, surgiram as expectativas: quantos funcionários se inscreverão? Como será nosso primeiro encontro? Será escasso o tempo estipulado para cada encontro? Diante a vivência da temporalidade, projetamo-nos no futuro, vislumbrando os encontros de acordo com nossos desejos. Obtivemos, no total dos três

períodos, nove ou dez participantes. Nossa expectativa contrastou o número reduzido, provocando-nos uma vivência de frustração.

Procuramos superar tal sentimento prosseguindo o trabalho com os presentes. A importância da concepção da unicidade corpo/consciência foi o foco dos primeiros encontros e principiamos pela tese natural da compreensão dicotômica entre corpo consciência, seguindo à consciência corporal. Os encontros foram permeados por diálogos e reflexões. No entanto, transcendendo nossas expectativas quanto a provocação da consciência reflexiva crítica sobre esta unicidade, fomos surpreendidos por colocações dos participantes que desconstruíram, o que pudemos refletir *a posteriori*, ser nossa própria tese natural sobre como se dá a prática de um especialista, mais especificamente a que praticávamos, a do psicólogo do trabalho.

Sartre (2002) coloca sobre o indivíduo que se aliena a um papel prescrito, perdendo sua espontaneidade em suas ações, agindo sob o signo das normas. Não somos psicólogos, estamos psicólogos, haja vista que agimos conforme idealizamos o que prescreve a ciência para este profissional.

Pela falta de experiência na área, e pela insegurança diante o novo, buscamos nos assegurar numa prática radicalizada nos preceitos da ciência moderna, a saber, daqueles que nos colocam no lugar do sujeito-suposto-saber e de controle, que transmite informações, colhe as vivências e as devolvem sob roupagens interpretativas. No momento, contando como uma maneira de nos defender do olhar do outro, lançamos mão da má-fé, negando a ambiguidade da intersubjetividade, optamos por acreditar no saber verticalizado, local supostamente superior que nos percebíamos por sermos os coordenadores dos encontros.

Contudo, o meio utilizado para o controle das liberdades alheias foi superada quando, apesar da insegurança, percebemos que conseguimos acolher como não conhecimento nosso, as novidades e riquezas refletidas sobre as temáticas por parte dos participantes.

Percebemos-nos em posição muito próxima à proposta da pesquisa-participante, isto é, em uma práxis que age de maneira ativa diante do processo, atuando, desta forma, em conjunto com o público-alvo (Boterf, 1985). Desta forma, posicionamos criticamente nossa consciência sobre o não-saber, e abdicamos do lugar-comum do psicólogo do trabalho, não de

maneira radicalizada ou omissa, mas adentrando em explorações conjuntas com os funcionários do hospital e, conseqüentemente, promovendo uma relação horizontal de troca de saberes.

Em orientação do estágio, nos deparamos novamente com outra questão por nós ainda não percebida: se optamos por tangenciar o cuidado com temáticas mais complexas para não o banalizar, não fora pela complexidade que o atingimos, mas pela própria atitude de autenticidade que adotamos ao abandonarmos a má-fé, ou seja, pela simplicidade, pela humanidade de nossa ação frente aos funcionários.

Para Sartre (1997) a consciência sendo um vazio, o que pode inserir no mundo é o nada, assim ao captar algo ela se preenche com uma positividade, mas por não ser o que se preenche, pode negá-la, transcendendo esta finitude às infinitas possibilidades de ser. Mas quando não queremos vivenciar o ser da liberdade, que é a angústia, a driblamos pela atitude de má-fé. Assim, negando a negatividade, reduzo minhas opções para a que melhor me conforta diante o risco. E não só nego minha negatividade, quanto também nego a do outro, reduzindo a mim e ao outro a seres complementares e não contraditórios, diferentes.

Nesta senda, ao nos despirmos das elucubrações teóricas durante as discussões, bem como das acrobacias psíquicas no intuito de promover uma prática com sentido e originalidade, o saber psicológico foi logo levado à gaveta, e éramos humanos falando com outros humanos. Ao tomarmos o impasse da frustração das expectativas enquanto potencialidade para uma atuação humanizadora, bem como na escuta de um outro que sabe tanto quanto nós, cuidamos tanto do nosso público-alvo quanto de nós ao reconhecer nossas limitações, bem como o valor do outro. Aprendemos, com a consciência da experiência, que a autenticidade é também um estímulo para a promoção da saúde mental e em via de mão dupla, ou seja, na intersubjetividade.

Para concluir, acreditamos que nossa busca pela consciência reflexiva crítica dos funcionários acabou nos levando a problematizar a nossa profissão de psicólogo, ou seja, ao buscar *ajudar/cuidar o/do* outro, nos valemos da mesma ação, e o maior aprendizado foi a constatação de que o cuidado só é desvelado quando nos conscientizamos que estamos imersos em uma realidade intersubjetiva.

Referências

Le Boterf, G. (1985). *Pesquisa participante: Propostas e reflexões metodológicas*.
In: Brandão, C. R. (org.). *Repensando a pesquisa participante*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense.

Sartre, J-P. (1997). *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 11 ed.
Petrópolis/RJ: Vozes. Tradução e notas de Paulo Perdigão.

_____ (2002). *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

EIXO TEMÁTICO: PSICOLOGIA E TRABALHO